



A ESPIRITUALIDADE NA VIDA E REALIDADE DO SER HUMANO

Carlos Frederico SCHLAEPFER¹

Robson Ribeiro de Oliveira Castro CHAVES²

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de abordar a realidade a espiritualidade na condição humana. Suas diversas vertentes e areópagos. A vivência espiritual se faz presente na vida de qualquer indivíduo independente de sua formação, para tanto, é inserida na condição de todos o caminho espiritual. Nesta proposta iniciaremos o debate de uma condição espiritual perpassando pela Sagrada Escritura, voltando o olhar para o ser humano em suas diversas realidades e questões como: a vida, o trabalho, a família e a comunidade de fé. Assim, pretendemos apontar perspectivas para a realidade em cada um deste ambiente e as possíveis formas de espiritualidade. Por fim, apresentaremos a condição da espiritualidade do Papa Francisco e as relações humanas também os aspectos de outro Francisco, o de Assis, que viveu entre os humildes e se propôs fazer um caminho atento ao chamado de Deus e viveu uma autêntica espiritualidade em toda sua vida.

Palavras-chave: Espiritualidade. Bíblia. Vida. Francisco. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Falar de espiritualidade é falar de vida. Viver a espiritualidade é viver profundamente a vida. O Apóstolo Paulo, na carta aos Romanos, nos

¹ Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ (2002). Professor de Línguas bíblicas e Sagrada Escritura no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ). E-mail: <carlos.schlaepfer@itf.edu.br>.

² Mestre em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE (2017). Professor do Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ). E-mail: <robsonrcastro@yahoo.com.br>.

apresenta no capítulo 8, um breve tratado sobre a espiritualidade, numa dimensão que ele chama de vida segundo o Espírito (Rom 8,1-11). A espiritualidade dentro desta sua perspectiva, se volta inteiramente para as realidades que vivemos em nossa vida. Não se trata de uma vida desencarnada ou com “a cabeça nas nuvens”, como dizemos popularmente. Trata-se de uma dimensão de vivência espiritual com os pés no chão. Para Paulo, esta vida segundo o Espírito é uma orientação total à vida, em oposição à morte. Neste sentido, viver uma espiritualidade significa também lutar contra tudo que impede a presença daquilo que denominamos de valores do Reino: Solidariedade, comunhão, bem comum e principalmente o amor ao próximo.

Este artigo procura falar, refletir sobre a espiritualidade dentro desta dimensão da vida. Queremos partilhar diferentes experiências e perspectivas que englobam este modo de ser espiritual. A vivência espiritual encontra-se nesta busca incessante de vida, como progresso, caminho de uma libertação plena e definitiva. A espiritualidade está aberta a qualquer pessoa, em qualquer tempo e lugar, assim, partindo da experiência espiritual do povo da Bíblia, percorreremos alguns caminhos que fazem parte de nossas realidades, bem como as vivências espirituais de dois Franciscos: um de Roma e outro de Assis. Esperamos que esta reflexão possa ajudar na cultura, cultivo da espiritualidade presente em cada um de nós e que precisa ser afluída, assumida, para que possamos viver no espírito e portanto à caminho de uma vida plena no Amor.

2 ESPIRITUALIDADE O QUE É?

Primeiramente, vamos buscar o sentido de espiritualidade, partindo de sua definição: qualidade do que é espiritual, trata-se, portanto, do vocábulo “espírito”. Na língua grega, “*pneuma*” significa sopro, vento, ar que preenche. Trata-se de ânimo, aquilo que dá fôlego, suporte. É o que sustenta uma vida, uma busca, um projeto, uma fundamentação, até mesmo uma instituição. Já na língua hebraica, encontramos “*ruah*”, significando também, vento, ar, hálito, sopro, corrente de ar. É o hálito de vida que atravessa o ser humano e que ele expira finalmente ao morrer, o suspiro final. Trata-se, portanto, de uma energia vital de tudo o que existe, como o sopro de Javé: vida, força, fôlego longo,

persistência. Por fim, na língua latina, “*spiritus*” evoca o aspecto físico e corpóreo: sopro ritmado da respiração e neste sentido, alma, entusiasmo, animação. Mas trata-se de algo que vem de dentro, sentir a força que nos anima, a força do próprio Deus. *Spiritus* é a vogal aspirada, por exemplo no grego, ou também na antiga alquimia, o líquido obtido do suor da destilação, como por exemplo o álcool obtido na destilação da cana, a aguardente, cachaça... Espírito tem a ver com energia, fogo interior.

A espiritualidade, portanto, está associada a esta respiração, este alento que vem de dentro, um calor, uma força que brota de dentro, salta para fora e sustenta o íntimo da pessoa. Longe de ser visões romântica ou idílica a espiritualidade na verdade está ligada à vida, com suas dificuldades, conflitos e lutas do dia a dia.

Frei Vitório Mazzucco Filho define assim espiritualidade em seu breve artigo: “A espiritualidade não é outra coisa do que o cuidado, a cura, o amor do Espírito” (MAZZUCCO FILHO, 2006, p. 133). Importante observar que, diante de um tema tão denso e repleto de sentido e interpretações que muitas vezes se perdem numa busca em lugares distantes, longínquos, mas que na verdade devem ser buscados dentro do próprio ser humano. Não se trata de disciplina de ensino ou ciência do saber, mas acolhida, a ausculta, o deixar ser, conforme expresso no belo hino em 1 Cor 12,31-13,13

A “espiritualidade” não é algo que diz respeito apenas aos padres, religiosos, ou ainda, para alguns que têm um nível muito acima dos outros. Devemos pensar na espiritualidade como algo além da nossa compreensão humana. A espiritualidade é compreendida como seguimento de Jesus, caracterizado pela sensibilidade à presença e às necessidades reais e concretas das pessoas.

Ser homem ou mulher “espiritual” é deixar-se guiar a cada dia pelo espírito de Deus, que em Jesus tornou-se Espírito do ressuscitado, que anima a luta em busca do “novo céu e da nova terra, onde habitará a justiça” (cf. 2Pd 3,13).

A espiritualidade é um caminho estreitamente ligado à vida. No nosso caso, a complexa realidade brasileira é o lugar onde o agente pastoral é chamado a viver a cada dia a espiritualidade cristã e a deixar-se conduzir pelo

mesmo Espírito que animou Jesus e o levou a inserir-se na trama humana e a assumir o risco da história.

3 A BÍBLIA: FONTE DE ESPIRITUALIDADE

A Bíblia é fonte da espiritualidade cristã. É o livro que narra a experiência espiritual de um povo. O que ela contém não são teorias ou tratados de espiritualidade, mas a história de um povo sempre a caminho, em busca de um sentido para a sua vida, em Deus. Um povo que vive momentos de fé, de esperança, de alegria, assim como de incertezas, de infidelidade, de angústia.

As Escrituras testemunham a fidelidade de Deus a seu amor pelos seres humanos, com suas intervenções na história e propostas de alianças com os homens e mulheres. Chamou Abraão e Ihe fez uma promessa que se estendia à sua descendência: “Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12,3). (CNBB, 2015, n. 114)

Vejamos, então, onde o povo de Deus encontra a força animadora para enfrentar os desafios do dia-a-dia. Deus se manifesta desde a criação com sua infinita misericórdia e seu amável poder de Pai.

O poder infinito de Deus não nos leva a escapar da sua ternura paterna, porque n'Ele se conjugam o carinho e a força. Na verdade, toda a sã espiritualidade implica simultaneamente acolher o amor divino e adorar, com confiança, o Senhor pelo seu poder infinito. Na Bíblia, o Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo, e estes dois modos de agir divino estão íntima e inseparavelmente ligados. (LS, n. 73)

O Antigo Testamento narra a história do povo judeu, que questiona o conteúdo de sua fé e busca um sentido para a sua vida, conhecendo Deus não a partir de conceitos abstratos ou pré-formulados, mas através dos fatos da vida.

Deus se manifesta e intervém de modo privilegiado na vida e na história humana por meio da Palavra e do seu Espírito. O agir da Palavra se entrelaça com o do Espírito. O Espírito de Deus é o espírito que vivifica. A Palavra de Deus, tal como seu Espírito, cria e recria.

Esse entrelaçamento está claro na missão profética. Movido pelo Espírito do Deus da aliança, o profeta torna-se o portador da Palavra, que é anúncio e denúncia. Tendo presente a situação de desânimo e de morte do povo, o profeta relembra os feitos de Deus na história e denuncia tudo o que não está de acordo com o projeto de liberdade e vida para todos.

O Espírito de Deus, transforma, na história, as realidades de morte em vida. Deixar-se conduzir pelo Espírito de Deus é comprometer-se com situações de vida e entrar na dinâmica de Deus, que cria e recria. “Caminhar segundo o espírito é rechaçar a morte (o egoísmo, o desprezo pelos outros, a cobiça, a idolatria) e escolher a vida (o amor, a paz, a justiça)”. (SANQUETTI, 2015).

4 A VIDA: LUGAR DA ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade nos dias de hoje pode ser vinculada à estrutura comunicativa em que se vive. Com o avanço cada vez mais audacioso da internet e dos meios de comunicação, é possível encontrar um emaranhado de pessoas que, ao invés de buscar algo concreto, se baseiam em uma espiritualidade virtual, compartilham correntes que garantem a eficácia e a certeza de conseguir o que desejam.

O que efetivamente vem acontecendo é uma mudança cultural, ou seja, uma mudança nos critérios últimos de se compreender a vida no seu conjunto e a dimensão religiosa dentro dela. O Evangelho permanece o mesmo. Muda o instrumento pelo qual o Evangelho é transmitido. O desafio, em mudanças de época, consiste em distinguir entre o que é essencial na vivência e o que é marca cultural de tempos que não voltam mais. (AMADO, 2009a, p. 20).

Mas, precisamos ter a certeza de que em tudo devemos buscar o conceito e a consciência da realidade. Nada deve fugir do principal: a oração. Dom Joel Portella Amado, bispo-auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro e secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nos alerta que: “Não estamos mais diante de um tempo a aceitar, mas um tempo a construir e aproveitar”. (AMADO, 2009a, p. 23). Assim devemos nos atentar para as situações do dia-a-dia. A internet nos coloca em contato com todo o mundo e

podemos falar com alguém em qualquer país que já não está no mesmo dia que nós, ou que já está indo se deitar enquanto estamos levantando.

Com as transformações as noções de tempo e de espaço sofreram mudanças consideráveis. Para tanto busca-se, cada vez mais, um entendimento de tudo e falar-se de todos, mas ao mesmo tempo não se consegue viver de forma completa sem sofrer os problemas das transformações do mundo. Assim, o homem religioso de nosso tempo é mais um navegador do que um residente, ele não aporta em nenhum lugar, é nômade e vive atrás do que julga ser o melhor para sua vida e vai sempre ao encontro de novas oportunidade e curas. (Cf. AMADO, 2009a, p. 25).

E ainda, o homem religioso de hoje é imediatista, não deseja nada a longo prazo, é só emoção, (Cf. AMADO, 2009a, p. 27.) a espiritualidade de hoje quase que nos chama a dizer: Deus, sai de onde estiver e venha ao meu encontro, preciso vê-lo urgentemente, não me faça esperar. Não vê problema de buscar as curas que deseja, geograficamente longe de onde reside. A partir disso, ele busca, cada vez mais lugares que possam ser pontos para ancorar, mas nunca sairá satisfeito, sempre buscará outro lugar e assim irá de “porto em porto”.

A frequência nas missas de cura aumentam vertiginosamente e fazem delas grandes envolvimentos de proposta e de luta. A espiritualidade ali envolvida é muito grande, principalmente pelo fato da emoção ser a base de tudo. Nestes encontros as pessoas louvam, gritam, choram, vivem intensamente este momento, muitas vezes substituindo o domingo, dia do Senhor, por uma missa à qual se sentem mais “atraídas”. Deus se revela de todas as formas: sendo assim: “perfeito e eterno, se deixa revelar progressivamente, indicado que a busca, o caminho, o futuro e a esperança fazem parte irrecusável da experiência cristã”. (AMADO, 2009a, p. 31).

Então como viver uma espiritualidade autêntica? A resposta está ao alcance de nossas mãos: através da Palavra de Deus na Escritura. O que dizer de Jesus? “Em seu caminhar, curando doentes, exorcizando endemoniados, acolhendo excluídos e perdoados pecadores, manifestou o quão indispensável é a atitude de não nos fecharmos no presente, marcado por limitações e ambiguidades”. (AMADO, 2009a, p. 31-32).

Com a sociedade individualista e o mundo narcisista, estamos sempre tentando buscar uma forma de sermos irmãos e de viver uma vida de irmãos. Devemos buscar sempre ter a atenção voltada para Jesus, o Messias prometido.

4.1 A VIDA NA FAMÍLIA

Podemos compreender a família não somente do ponto de vista sociológico, mas também teológico, isto é, como lugar da experiência de Deus. Neste sentido, a espiritualidade familiar pode ser concebida sob dois pontos de vista que se completam: a espiritualidade conjugal, isto é, do casal (chamado a viver a fidelidade e a solidariedade entre si), e a espiritualidade da família como um todo, incluídos os filhos.

A família é o primeiro lugar onde o ser humano experimenta o amor, ou, pelo contrário, pode se ver frustrado nessa experiência. A família é o lugar onde um grupo de pessoas compartilha as alegrias e esperanças, mas também as tristezas, os cansaços, as angústias e as dificuldades diárias. A espiritualidade familiar é o caminho em que o homem e a mulher percorrem juntos com os filhos, buscando viver o evangelho nas relações entre si, para enfrentar e superar os problemas.

4.2 A VIDA NO TRABALHO

Outro lugar da experiência de Deus no dia a dia é o trabalho. Diante dos conflitos e das crises no mundo do trabalho, sempre há a tentação de se voltar ao refúgio espiritualista. Todos os trabalhadores são chamados a viver a espiritualidade do compromisso de humanizar o trabalho e as estruturas produtivas e a gerar movimentos de solidariedade. A solidariedade, que tem seu fundamento no Evangelho, apresenta-se como a expressão da *koinonia* cristã: comunhão com Deus e com o próximo. Só assim é possível gerar condições melhores de vida para todos.

A Igreja, nos últimos anos, tem se esforçado em superar a ênfase dada no passado ao caráter penoso do trabalho, entendido como castigo ou como consequência do pecado.

Ninguém pode negar o trabalho como atividade também divina. Não podemos nos esquecer de que, segundo o livro do Gênesis, Deus também “trabalhou”: “Deus, então, abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo o seu trabalho como criador” (Gn 2,3).

A encíclica *Laborem Exercens* – Sobre o trabalho humano – de João Paulo II traz uma novidade. Pela primeira vez uma encíclica trata da espiritualidade do trabalho. A encíclica trata sobre o trabalho humano enumerando as diversas faces e as situações de trabalho. O trabalho é tido como “uma das características que distinguem o homem das demais criaturas, cuja atividade, relacionada com a conservação da própria vida, não se pode chamar trabalho”. (JOÃO PAULO II. 1981).

4.3 A VIDA NA COMUNIDADE DE FÉ

A espiritualidade na comunidade de fé é sua forma de fazer valer o projeto de Deus, a espiritualidade é o “modo de ser cristão no mundo”. Jesus viveu em uma comunidade e que foi participante de sua espiritualidade. Sendo assim a comunidade, inserida no ambiente social é o lugar do anúncio de Deus para todos os cristãos, na celebração e na união é onde está o Espírito agindo e colocando os dons à serviço.

O ser humano é um ser inacabado e vive, de alguma forma, inserido na sociedade. Desta maneira, deve-se buscar analisar o homem e sua espiritualidade na realidade em que vive.

Diante das relações, o ser humano, relacionável como é, está inserido na comunidade e nos ambientes em que vive. Assim ele é influenciável de tantas maneiras: pelo rádio, pela TV, pelo telefone e principalmente pela internet.

Infelizmente hoje somos questionados diretamente com questões complicadas como a desvalorização do homem.

“O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do ‘descartável’, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na

periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são explorados, mas resíduos, sobras”³. (EG, n. 53)

Para o trabalho pastoral adequado e de forma consciente devemos buscar uma espiritualidade viva. Não podemos nos firmar em uma sociedade que cultua o descarte e o lucro a qualquer preço. Isso seria um erro, justamente pelo fato de não ser possível viver sem pensar evangelicamente no próximo.

Jesus de Nazaré emerge como chave fundamental de leitura do que deve ser a nossa vida cristã. De fato, a vida toda de Jesus, suas palavras, atitudes e milagres associados à sua pascoa (paixão morte e ressurreição), é o alicerce da vida de seus seguidores. (SANTANA, 2009, p. 54).

No Brasil, com o intuito de buscar uma análise nacional e estruturar a vida dos cristãos, a CNBB, através da Campanha da Fraternidade⁴, a cada ano, por ocasião da Quaresma, chama a atenção para determinadas situações que denunciam a ausência do “espírito” cristão em nossa sociedade. É um momento de forte espiritualidade, pelo tempo litúrgico quaresmal, além disso a sociedade é convidada a buscar uma maior organização para que se promova a igualdade e a paz.

Neste mesmo período da Quaresma somos chamados a praticar as quatro colunas da base da nossa fé: o jejum, a oração, a penitência e a caridade. A caminhada espiritual da Quaresma exige de nós atitude permanente de oração. Orar é reconhecer que nada somos sem Deus. E isso só os humildes entendem e aceitam. Os que se sentem fracos perante Deus rezam pedindo as forças necessárias.

Oração, caridade, jejum e penitência são exercícios espirituais que nos ajudam a alcançar a santidade de vida. Mas é a oração que dá sentido a tudo. Quem não reza não faz caridade e sim filantropia, não entende o valor do jejum, não se contém em seus desejos e também não se sente pecador, por isso não realiza nenhuma penitência. Que tenhamos nosso coração totalmente

³ Daqui em diante utilizaremos a sigla EG para todas as citações da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, do Papa Francisco.

⁴ “A Campanha da Fraternidade visa despertar e nutrir o espírito comunitário e a verdadeira solidariedade na busca do bem comum, educando para a vida fraterna, a justiça e a caridade, exigências éticas centrais do Evangelho.” In.: CNBB. Subsídios – Manual de Animação de Campanhas. Brasília: Edições CNBB, 2007, p. 16.

aberto para Deus e sejamos propagadores do seu amor misericordioso. Façamos nossa fé dar muitos frutos.

Devemos observar que a fé é acima de tudo o princípio da nossa espiritualidade, pautada em Jesus Cristo: “A fé cristã deve incidir em todas as dimensões da vida, e não só no âmbito privado. Ela deve chegar à expressão política, que apresenta entre suas finalidades principais a promoção do bem comum e da justiça social”. (CNBB, 2015, n. 229).

Em Jesus Cristo, temos a presença de Deus em plenitude. Sua vida e atitudes transmitem as formas de se falar e de se comunicar com Deus. Jesus é o exemplo de como devemos nos portar, todas suas atitudes todos seus momentos no meio de nós são a base da nossa vida e como devemos ser seguidores dele.

O Espírito Santo, muitas vezes é esquecido e colocado de lado, mas a maior manifestação e prática do Espírito Santo é o amor. Este amor se manifesta em Jesus Cristo, fonte inesgotável de vida e sentimento. “O Espírito Santo é força infinita para que amemos infinitamente, mesmo que, à nossa volta, ergam-se barreiras, à primeira vista intransponíveis (cf. At 2,6-11)”. (AMADO, 2009b, p. 130).

O mundo é um lugar que transborda o amor de Deus. Tudo é dom de Deus que fez o planeta para todos e nos amou: “o Espírito Santo é força para que aprendamos a contemplar em toda a criação os sinais deste amor transbordante. [...] O espírito Santo age para que a criação reconheça e acolha o Deus Amor revelado em e por Jesus Cristo, vivendo em crescente coerência rumo a este Amor”. (AMADO, 2009b, p. 132).

5 PAPA FRANCISCO E A ESPIRITUALIDADE

O homem, ser social, está ligado à vivência cristã em sociedade. O papa Francisco nos atenta a viver esta espiritualidade de forma humana, calcada nas situações do dia a dia:

A fé católica de muitos povos encontra-se hoje perante o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, alguns tendentes ao fundamentalismo e outros que parecem propor uma espiritualidade sem Deus. Isto, por um lado, é o resultado duma reação humana contra a sociedade materialista, consumista e individualista e, por

outro, um aproveitamento das carências da população que vive nas periferias e zonas pobres, sobrevive no meio de grandes preocupações humanas e procura soluções imediatas para as suas necessidades. (EG, n. 63).

Diante deste quadro, o papa Francisco nos alerta que estes movimentos religiosos, em nada contribuem para dirimir o individualismo reinante e o vazio deixado pelo racionalismo secularista. Outro ponto também importante é o sentimento de uma falta de pertença à Igreja, de muitos batizados, por causa das estruturas e o clima pouco acolhedor de nossas paróquias e comunidades, bem como às atitudes burocráticas aos problemas, simples ou complexos, da vida dos nossos povos. “Em muitas partes, predomina o aspeto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização”. (EG, n. 63).

Francisco ainda indica a forma com que os agentes pastorais e todo o povo devem viver a sua espiritualidade.

Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. [...] é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezarem – uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*. São três males que se alimentam entre si. (EG, n. 78, grifo do autor).

Este individualismo que o papa apresenta é um individualismo pulsante em nossas igrejas, principalmente quando nos julgamos mais importantes que os outros e que nossas funções estejam acima de qualquer outra questão. Em nossas comunidades encontramos uma espiritualidade falseada de um enaltecimento de si próprio para a satisfação momentânea: “O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável”. (EG, n. 82).

Francisco nos apresenta uma forma e espiritualidade especial, dando atenção à “via da beleza (*via pulchritudinis*)”. (EG, n. 167). É desejável que cada Igreja particular incentive o uso das artes na sua obra evangelizadora, em continuidade com a riqueza do passado, mas também na vastidão das suas

múltiplas expressões atuais, a fim de transmitir a fé numa nova “linguagem parabólica”. (BENTO XVI, 2012, 4).

Além disso: “É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais”. (EG, n. 167). Francisco nos apresenta modelos que devem ter a devida atenção: “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma Quaresma sem Páscoa”. (EG, n. 6). “Um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral”. (EG, n. 10). “A Eucaristia (...) não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. (EG, n. 47).

“Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante”. (EG, n. 47). “A psicologia do túmulo (...) pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu”. (EG, n. 83). “Uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre”. (EG, n. 85).

Nos dias de hoje, o crescente número de ateus tem chamado a atenção.

Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo desencarnado e sem compromisso com o outro. Se não encontram na Igreja uma espiritualidade que os cure, liberte, encha de vida e de paz, ao mesmo tempo que os chame à comunhão solidária e à fecundidade missionária, acabarão enganados por propostas que não humanizam nem dão glória a Deus. (EG, n. 89).

O cristão, que não busca no outro o Cristo, é um dos grandes problemas da sociedade atual. O individualismo, apresentado por Francisco e tão presente em nossas igrejas é o reflexo de uma sociedade frágil e sem estruturas que sofre tanto social, quanto politicamente.

Francisco nos alerta sobre as diversas formas de espiritualidade e de casos de uma espiritualidade fraca: “‘espiritualidade do bem-estar’ sem comunidade, por uma ‘teologia da prosperidade’ sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista”. (EG, n. 90).

Assim, devemos transformar a nossa espiritualidade em obras, uma espiritualidade forte e atuante: “não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”. (EG, n. 262).

Francisco aponta ainda que não se deve buscar a espiritualidade sem propostas sociais e: “nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração”. (EG, n. 262). Devemos nos afastar de uma espiritualidade intimista e individualista, aquela que busca somente o prazer e a vontade própria.

Por fim, o Papa Francisco nos alerta que devemos ser sal e luz: “A luz é para iluminar algo; o sal é para dar sabor” ao alimento. Oração ilumina o cristão. O Papa então se pergunta: mas como o cristão pode fazer para que não faltem sal e luz, para que não acabe o óleo para acender a lâmpada?

Qual é a bateria da luz do cristão? Simplesmente a oração. Você pode fazer tantas coisas, tantas obras, inclusive obras de misericórdia, pode fazer tantas coisas grandes para a Igreja – uma universidade católica, um colégio, um hospital... – pode até receber um monumento como benfeitor da Igreja. Mas se não rezar, será um pouco obscuro, tenebroso. Quantas obras se tornam obscuras por falta de luz, por falta de oração. Aquilo que mantém, que dá vida à luz cristã, aquilo que ilumina é a oração”. O Papa completou: mas esta oração deve ser “para valer”: “a oração de adoração ao Pai, de louvor à Trindade, a oração de agradecimento, pode ser também a oração para pedir coisas ao Senhor, mas a oração do coração.

6 FRANCISCO DE ASSIS E A ESPIRITUALIDADE

Francisco de Assis, o jovem que largou tudo para viver a vida para Deus nos mostra como é que devemos ser e como devemos nos colocar à disposição do outro. Assim como o Francisco de Assis, o Francisco de Roma também é nosso espelho de carinho, dedicação e atenção aos mais necessitados. Aqui, vemos Francisco como homem simples e com uma espiritualidade acima do nosso entendimento.

Francisco de Assis queria seguir o exemplo de Jesus Cristo de um modo absoluto, em todos os aspectos. Um de seus gestos, nesse sentido, era aproximar-se das pessoas desejando-lhes a paz. Foi com essa mesma palavra que Jesus, depois da ressurreição, se apresentou aos seus discípulos, que haviam se escondido no cenáculo com medo do que lhe poderia acontecer. E o Papa Francisco, numa de suas reflexões, definiu a paz cristã como “paz inquieta”, que nos impulsiona a tomar iniciativas a favor de um mundo onde as pessoas se sintam acolhidas e respeitadas. (CAVALCANTE; PERISSÉ, 2013, p. 8).

Devemos olhar para Francisco de Assis, não com um grande teólogo, nem como um grande professor, mas como um homem de luta que fez da sua vida uma constante evangelização. Deve-se observar a vida de Francisco diante das situações mais adversas e a sua forma de espiritualidade tão marcante e que deve ser colocada em prática nos dias de hoje.

Francisco segue sua vida como a de Cristo, vivendo com o necessário e principalmente, praticando o amor. A História do Santo de Assis sempre foi motivo de reflexões e conversões. Francisco deixa tudo para viver a vida simples. Fato importante e determinante em sua vida.

Foi entre os anos de 1208 e 1209 que Francisco finalmente entendeu o teor de sua vocação. A grande luz veio de uma passagem do Evangelho em que os seguidores de Cristo são apresentados como caminhantes despreendidos de tudo. Para anunciar o Reino de Deus, devem ir por todo o mundo, sem possuir propriedades nem dinheiro, dando ao próximo aquilo que gratuitamente receberam, andando apenas com a roupa do corpo e vivendo da hospitalidade alheia. (CAVALCANTE; PERISSÉ, 2013, p. 17).

Francisco arrebatou muitos seguidores e vive sua forma simples de vida sempre se baseando nos ensinamentos de Cristo. Propõe uma Igreja mais humana pobre e acolhedora.

Relatam as principais fontes da vida de São Francisco que o poderoso e quase onipotente Papa Inocêncio III também tinha sonhos. Sonhou uma vez que a própria igreja de Latrão vinha a baixo, quando na hora certa um religioso pobre e humilde se encostou com os ombros, evitando-lhe a ruína. Este homem pobre e humilde aos olhos do Papa iria sustentar a Igreja de Cristo, por sua obra e vida. (ARNS, 1982, p. 418).

Em 1209, Francisco vai até o papa Inocêncio III (1198-1216) e pede a autorização para seguir a vida conforme Cristo. De fato, Francisco se mostrou atento às necessidades do povo, fazendo da sua vida um exemplo perante a

sociedade do consumo. Francisco vivia como deveriam viver os cristãos, à Imagem de Cristo, jejuava como Jesus fazia e não ostentava. O Jejum, como vimos anteriormente, está ligado à oração que fortalece o corpo e a alma.

Anton Rotzetter, sacerdote capuchino, doutor em Teologia, afirma que:

Francisco e Clara, como você pode atestar, estavam fascinados por uma única coisa. Não, não por uma coisa, mas sim por uma pessoa. Foi Jesus de Nazaré quem marcou suas palavras, suas ações, sua vida inteira. Forma o presépio e a cruz que os impulsionaram – e entre um e outro a vida de um pobre que dá testemunho de Deus. (ROTZETTER, 2003, p. 21).

Para entender isso, não podemos deixar de colocar como foco a humanidade de Cristo, ou melhor Deus que se tornou homem. Um Deus que nos amou e se doou por nós. Francisco não era um sonhador, desejava viver o Evangelho. Assim foi quando pensou em como seria reproduzir, em um presépio, um pouco do que aconteceu com Cristo no dia do seu nascimento.

Foi em dezembro de 1223. Francisco encontrava-se mais uma vez em um ermitério perto de Greccio, uma cidadezinha no vale do Rieti. De repente veio-lhe a ideia. “Como seria”, pensou ele, “se eu pudesse ver com estes meus olhos como Deus quis ser pequeno e pobre?! Se eu pudesse sentir com meus próprios dedos a pobreza em que naquele dia Deus nasceu em Belém?! E como haveria de ser se o Natal eu pudesse sentir o cheiro do boi e do burro?! E se com todo o meu corpo eu pudesse debruçar-me sobre a grande pobreza que naquele dia Jesus tomou sobre si na manjedoura?!” (ROTZETTER, 2003, p. 22).

Esta forma de tratar e de revelar Cristo é de uma simplicidade e uma grandeza sem tamanho. “Francisco viu como Deus se faz pequeno todos os dias. E sentiu com seus dedos a pobreza de Deus, sentiu o cheiro de sua presença entre os animais e debruçou-se sobre a pobreza de Deus”. (ROTZETTER, 2003, p. 23).

O grande poema, o “Cântico do Irmão Sol”, atribuído a São Francisco no fundo é um grande hino de louvor e espiritualidade. Mesmo não havendo confirmação da autoria ser de São Francisco, a oração deixou um legado para a humanidade e é uma expressão cheia de ensinamentos, em cada frase encontramos a forma mais concreta de amor e de respeito pelas coisas de Deus e pela humanidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade atual da espiritualidade está pautada na individualidade, no egoísmo, nunca pensando na relação com o próximo e nem com Deus. Não é possível ter uma espiritualidade sem perspectiva de diálogo e, acima de tudo com os pés no chão. As diferentes experiências aqui elencadas são realidades de cada membro da Igreja sua condição e, acima de tudo sua vida.

Assim, com esta ótica é importante tentar observar o que é espiritualidade no mundo pós-moderno e que não é algo somente de sacerdotes, bispos, religiosos e religiosas. A espiritualidade é um caminho que nos apresenta o que é a vida onde cada um atua com seu carisma e sua condição.

Nestes tempos pós pandêmicos, precisamos urgente de uma espiritualidade que leve em conta a vida com toda a sua força e realidade. Somos convidados a ter uma nova visão do real, do dia a dia, das relações com o próximo, da natureza, dos bens produzidos pelo trabalho, procurando perceber em tudo e em todos a semente do divino que exige uma nova postura diante da vida, dos bens, dos seres criados, uma verdadeira e profunda espiritualidade.

A Sagrada Escritura é, em perspectiva estrutural e histórica, fonte de espiritualidade cristã. É para nós as manifestações de Deus com seu povo que busca conselhos para os desafios da jornada diária. É o Espírito de Deus que nos apresenta a vida que é cria e recriada por sua ação salvífica.

De fato, não podemos deixar de falar da realidade em que praticamos nossa espiritualidade: na família, no trabalho, na comunidade de fé e em todos os outros lugares que frequentamos. O caminho de uma verdadeira espiritualidade se faz na vida, é a nossa condição humana que nos dá a condição de seguir em frente.

Por fim, a espiritualidade apresentada de dois Franciscos – de Assis e de Roma – são primordiais para um paralelo sobre a condição humana e seus mais diversos desafios. Assim como São Francisco que se doou pelos irmãos, o Papa Francisco assume esta condição como Vigário de Cristo e seu báculo é

de um pastor manso e humilde que reconhece a bondade de Deus e sua condição para a humanidade.

SPIRITUALITY IN THE LIFE AND REALITY OF THE HUMAN BEING

ABSTRACT

Either present an article or aim to address the reality of spirituality in the human condition. Its various slopes and areopagus. The spiritual experience is present in the life of any individual regardless of their background, therefore, and inserted in the condition of everyone or spiritual path. In this proposal, we will start a debate about a spiritual condition, going through Sacred Scripture, turning or walking towards the human being in its diverse realities and issues such as: life, or work, family and community of faith. In addition, we intend to outline perspectives for the reality of each one of this environment and as possible forms of spirituality. Finally, we will present to the condition of Pope Francis' spirituality and human relations also aspects of another Francis, or of Assisi, who lives among the humble and intends to walk attentively towards the person of God and to live an authentic spirituality throughout his life. lifetime.

Keywords: Spirituality. Bible. Life. Francisco. Culture.

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel Portella. Mas que loucura: o desafio de seguir Jesus no século XXI. In.: RUBIO, Afonso Garcia; AMADO, Joel Portella. (orgs.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança**: contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009a, p. 17-32.

AMADO, Joel Portella. Amar como Jesus Amou: vida segundo o Espírito. In.: RUBIO, Afonso Garcia; AMADO, Joel Portella. (orgs.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança**: contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009b, p. 125-138.

ARNS, Paulo Evaristo. **Francisco, reconstrói minha Igreja!** In.: Grande sinal. Revista de espiritualidade e pastoral. Petrópolis, ano XXXVI n. 6, 1982.

BENTO XVI, Discurso no final da projeção do documentário «Arte e fé – via pulchritudinis» (25 de outubro de 2012): **L'Osservatore Romano** (ed. portuguesa de 3/11/2012), 4.

CAVALCANTE, Anderson; PERISSÉ, Gabriel. **A oração de São Francisco**. Rio de Janeiro: Sextante. 2013.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2015**. Fraternidade: Igreja e Sociedade. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CNBB. **Subsídios – Manual de Animação de Campanhas**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**, sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013, n. 63. (EG).

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015. (LS)

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Laborem Exercens**: sobre o trabalho humano no 90º aniversário da Rerum Novarum, 1981. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html>. Acesso em: 27 maio. 2020.

MAZZUCCO FILHO, Frei Vitório. O que é espiritualidade? In.: POZZEBON, Paulo M.G. (org). **Pensar o humano hoje**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

ROTZETTER, Anton. **Com Deus nos dias de hoje**: curso básico de vida franciscana. Petrópolis: Vozes, 2003.

SANQUETTI, Ademir. **Mensagem do Pároco – ESPIRITUALIDADE**. Paróquia São Paulo Apóstolo de Agudos, 2015. Disponível em: <<http://saopauloagudos.blogspot.com/2015/10/>>. Acesso em: 27 maio 2020.

SANTANA, Marcos Antonio de. Abre-te, vê e caminha: Reino de Deus e discipulado hoje. In.: RUBIO, Afonso Garcia; AMADO, Joel Portella. (orgs.). **Espiritualidade cristã em tempos de mudança**: contribuições teológico-pastorais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 54.